

A Criança Órfã no Texto Proverbial Moçambicano (conclusão)

Wusiwana i ku yendza ka mamana
(A verdadeira desgraça é a ausência da mãe)
provérbio changana, Ribeiro, 1989:120

O texto proverbial, de norte a sul de Moçambique, nas várias comunidades linguísticas, reflecte, ? embora de modo quase sempre enviesado como é típico de qualquer texto literário, ? uma sensibilidade extremamente fina face ao órfão. Constitui um ser que incomoda ? julgámos que no sentido positivo do termo ? os produtores individuais e colectivos dessas "vozes de sabedoria" (e por que não, também, letras de sabedoria?!), talvez, porque, ao longo de milhares de anos, só a guerra e as migrações ? referimo-nos às antiquíssimas e sempiternas guerras e diásporas comuns à maioria dos povos do mundo ? tenham contrabalançado, se bem que raramente, com um pouco de sossego do guerreiro, sempre esporádico e furtivo, assegurador dos prazeres elementares, mínimos, que a alimentação e a perpetuação da espécie comportam.

Os custos da criação dos enteados ou filhos alheios são enormes — "Limpar o cu (feito por) de outrem, a merda não acaba: [é] melhor o dono [limpá-lo] (A educação dos filhos feita por pessoas estranhas, nunca é bem feita.)" [*Otagula wa mukwo, mariya kanmala: mbwenye wa mwinya.*] (Chuabo, Festi, 1980:165) — e para o órfão, de facto ou potencial, "A verdadeira desgraça é a ausência da mãe." [*Wusiwana i ku yendza ka mamana.*]. (Changana, Ribeiro, 1989:120).

O acervo proverbial moçambicano é rico nos conselhos, de nível intimidativo/prescritivo, que dá aos filhos não-órfãos, talvez porque a sua situação é, deveras, privilegiada em relação aos órfãos, para os quais estão reservados provérbios descrevendo a situação lastimável dos mesmos — "Na cabeça do órfão não faltam tinhas." [*M'muruni mwa munakwadhuni kamuntua ekonya.*] (Chuabo, Festi, 1980:73) — e formulando desejos de respeito, de reafirmação da protecção divina/dos antepassados: "Não se deve insultar o órfão." [*Ekwaduni kenrwanwiwa.*] (Lomué, Festi, s. d.:66/L); "Órfão não é feito engolir (troçado). (Deve-se respeitar o órfão)" [*Mwanampawi kanimedhiwa.*] (Chuabo, Festi, 1980:109); "Órfão [é] alma (do antepassado)." [*Mwanampawi kankwa: onula muru.*] (Chuabo, Festi, 1980:110); "Órfão crescer Deus (quem o faz crescer é Deus)." [*Mwanampawi wunuwa Mulugu (dinimunuwiha Mulugu).*] (Chuabo, Festi, 1980:110); "Órfão é protegido por Deus." [*Mwanakwaduni onkoyiwa Mulugu.*] (Lomué, Festi, s. d.:55)).

A fome é, contudo, o flagelo mais ventilado, salientando-se o apetite insaciável do órfão, permanentemente sedento e faminto, para quem até o local de dormida passa a ser irrelevante face à fome e à sede: "Ao órfão dá-se comida, quanto ao dormir ele se arranja." [*Kammenyedhe mwanakwadhuni, vogona ononavo mwinya.*] (Chuabo, Valer, Festi, 1995:190); "Órfão não se sacia completamente." [*Mwanakwaduni kanvona amalela.*] (Lomué, Festi, s. d.:55); "Mel de órfãos não fica cheio prato." [*Enwi ya anapawi kindhana ebale.*] (Chuabo, Festi, 1980:41); "A concha (de casca de abóbora) do órfão acaba a água." [*Ndiko ia muanamphaui inamala madzi.*] (Sena, Bertulli, s. d. (1960?): [45]).

O colector deste último provérbio, Cesare Bertulli, ao comentar o sentido do mesmo, traça-nos, deste maneira, o desditoso fadário da criança órfã: "Evidentemente o dizer comum quer fazer notar a triste condição do órfão que deve acarretar com todas as culpas que lhe queiram atribuir, e a dificuldade da sua educação, porque, embora sempre adoptado pela família clânica, ninguém o considera, de facto, como seu próprio filho." (Bertulli, s. d. (1960?): [45])

Talvez, por isso, a dificuldade inerente à criação e educação do órfão é acentuada — "Educar filho ficado (órfão), suportar. (É difícil educar o filho de outrem.)" [*Omulela mwana ohala, ovilela.*] (Chuabo, Festi, 1980:153); "Criar órfão sem se amostrar aborrecido." [*Omulela mwanakwaduni ohinyonyeya.*] (Lomué, Festi, s. d.:73); "Órfão, pato, custa depenar." [*Mwanampawi nimbatha: orutxa okupurha.*] (Chuabo, Festi, 1987:58); — não deixando, contudo, de se criar uma expectativa optimista face aos objectivos educacionais: "Se cuidares do órfão, oferecendo sacrifício, fica perfeito." [*Wamukoya mwanampawi, wakuttha mukuttho onomyala.*] (Chuabo, Festi, 1980:188).

Nem os remédios tradicionais, imprescindíveis ao crescimento e saúde de qualquer criança, o seu segundo alimento, e por isso, também, fonte de cuidados paternos — "Filho que não tomou banho com remédio não acorda (não amadurece)." [*Mwana ohahabiwe murebwe, kanrurumuwa (Kanwarala)*] (Chuabo, Festi, 1980:111); "Pessoa que não anda, andou por causa do remédio do filho dele." [*Mutthu ohedda, enddenle murebwe wamwane.*] (Chuabo, Festi, 1980:100) — dizíamos, nem esses medicamentos fazem parte de qualquer receituário que tenha como destinatários os órfãos, nomeadamente os "filhos ilegítimos": "Os filhos do adultério não recebem remédio." [*Ana a dila kansasanyeliwa murebwe.*] ("Etakawne", Ribeiro e Brentari, 1971:126).

A ligação umbilical, diríamos "mamária", mãe-filho, é imprescindível à sobrevivência e ao crescimento físico e psicológico da criança, comportando o seu corte reacções instintivas a-naturais — "Morreu a galinha, apodreceram os ovos. (Crianças sem mãe, tudo são órfãos.)" [*Ku fa ka huku, matandza ma bolile.*] (Changana, Ribeiro, 1989:27); "Se faltares mãe tua [se faltar a tua mãe], mamás teta de cão, dizendo "É mãe". [*Watua mayo,*

onomwa nibele na mwanabwa, wiraga "Di m'ma".] (Chuabo, Festi, 1980:192) — forçando, por isso mesmo, o órfão a um eterno deambular: "O órfão acaba o lugar." [*Muana uakufuia anamala mbuto.*] (Sena, Bertulli, s. d.: [39]). Como Sísifo, o órfão está eternamente condenado a viver e a chorar a sua desdita, porque nem a morte se digna adoptá-lo: "Órfão não morre: trabalhos dele sofrimento." [*Mwanampawi kankwa: mabasa ae goy.*] (Chuabo, Festi, 1980:109); "Órfão, perdiz: chora esgaravatando sem parar." [*Mwanampawi ekwali: enunla etolelagavi.*] (Chuabo, Festi, 1980:109).

Quão longe estamos — sobeja-nos o "sonho" — do universo infantil tão "engenhosamente" construído pelo poeta moçambicano:

*Ocorre-me agora
a pupila minúscula de uma criança.
A sua engenharia
desde o corpo na guerreira pequenez
ao dedo provador da boca.
Ocorre-me esta criança
este monge da franqueza em seu templo de inocência.
Amo-a. Vivo-a.*

*Voar é poder amar uma criança.
Sonhar-lhe o peso no colo, as mãos acariciantes sobre a palma da alma.*

*Voar é tardar a boca
na rosa do rosto de uma criança.
Pronunciar-lhe a ternura, a seda fresca e pura
da sua infância.*

*Voar é adormecer o homem
na mão sonhadora
de uma criança.*

(Eduardo White ,1992:28)

Américo Correia de Oliveira
Escola Superior de Educação de Leiria,
oliveira@esel.iplei.pt

Os meus agradecimentos ao Júlio Ribeiro e ao Dr. António Sopa do Arquivo Histórico de Moçambique, sem a ajuda dos quais me teria sido impossível aceder a uma parte considerável do acervo proverbial moçambicano.

Obras citadas

- BERTULLI, Cesare (s. d. [1960?]) *Provérbios ou Sabedoria Chisena*, inédito, dactilografado, não paginado. (organização de Júlio Ribeiro), Beira.
- FESTI, Lodovico M. (1987) . *Njai Nali Mulima. Fragmentos de literatura oral etxuabo*. Quelimane: edição do autor (?).
- FESTI, Lodovico M. (1980) . *Wineliwa kunmala. Iniciação não acaba. Fragmentos da literatura oral recolhidos na Zambézia Central.*, inédito, dactilografado, Quelimane.
- FESTI, Lodovico (s. d.) *Misibe dha Alomwe. Dizeres comuns dos Lómuès.*, inédito, dactilografado, não paginado (organização de Júlio Ribeiro). Quelimane: Apostolado pelo Livro e pela Liturgia.
- RIBEIRO, Armando (1989) . *601 provérbios changanas*, 2.^a edição. Lisboa: Edição do autor.
- RIBEIRO, Júlio; BRENTARI, Giovanni B.(1971:114-157) . "Fragmentos da literatura oral", in *Da vida africana à vida religiosa no duplo aspecto de continuidade e descontinuidade*. Quelimane (Moçambique).
- White, Eduardo (1992:28) . *Poemas de voar e da engenharia de ser ave*. Lisboa: Caminho da Poesia.
- VALER, Vito; FESTI, Lodovico (1995) . *Dicionário Etxuwabo-Português*. Trento: Edit. Centro Missioni Cappucini.